

COMPREENDENDO A INOVAÇÃO ABERTA A PARTIR DOS ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA

UNDERSTANDING OPEN INNOVATION FROM PRACTICE-BASED STUDIES

COMPRENDER LA INNOVACIÓN ABIERTA A PARTIR DE ESTUDIOS BASADOS EN LA PRÁCTICA

Emanuela Ribeiro Lins, BEL,
Universidade Federal de Pernambuco/Brazil
linsmanu41@gmail.com

Bárbara do Nascimento Alves, ESP
Universidade Federal de Pernambuco/Brazil
barbara_gus@hotmail.com

José Lindenberg Julião Xavier Filho, Dr.
Universidade Federal de Pernambuco/Brazil
lindenberg.xavier@ufpe.br

Elisabeth Cavalcante dos Santos, Dra.
elisabethcsantos@gmail.com
Universidade Federal de Pernambuco/Brazil

RESUMO

Este ensaio teórico tem como objetivo investigar como os Estudos Baseados em Prática (EBP) contribuem para a compreensão da Inovação Aberta (IA). Utilizou-se uma revisão bibliográfica acerca dessas temáticas, refletindo a partir de seus pressupostos, conceitos, definições e elementos que constituem os EBP e a IA. Após realizar o estudo das duas abordagens foi possível verificar que a IA pode ser compreendida através dos pressupostos epistemológicos dos EBP ao se considerar a grande diversidade de ações envolvidas com a IA, organizadas por estruturas e envolvidas por arranjos materiais. Possíveis práticas identificadas são evidenciadas ao considerar a busca pelo conhecimento externo, as relações interativas entre os agentes envolvidos, a comercialização de invenções que abarcam a geração e a aquisição de ideias, as práticas de seleção e decisão acerca das melhores ideias e dos parceiros nos arranjos produtivos e práticas ocorridas posteriormente, envolvendo práticas de planejamento, de novas técnicas, novos produtos e novos serviços.

Palavras-chave: Inovação Aberta; Estudos Baseados em Prática (EBP); Gestão da Inovação.

ABSTRACT

This theoretical essay aims to investigate how Practice-Based Studies (PBS) contribute to the understanding of Open Innovation (OI). We used a literature review about these themes. We sought to reflect on the assumptions, concepts, definitions and elements that constitute the PBS and OI. After studying both approaches, it was possible to verify that OI can be understood through the epistemological assumptions of PBS, considering the great diversity of possible actions involved to OI, organized by structures and surrounded by material arrangements. Possible identified practices are evidenced when considering the search for external knowledge, the interactive relationships between the agents involved, the commercialization of inventions covering the generation and acquisition of ideas, the selection and decision-making practices on the best ideas and partners for the productive arrangements and practices that occurred later, involving planning practices, new techniques, new products and new services.

Keywords: Open Innovation; Practice-Based Studies (EBP); Innovation Management.



RESUMEN

Este ensayo teórico tiene como objetivo investigar cómo los estudios basados en la práctica (EBP) contribuyen a la comprensión de la innovación abierta (IA). Utilizamos una revisión de la literatura sobre estos temas, reflexionando a partir de sus supuestos, conceptos, definiciones y elementos que constituyen el EBP y la IA. Después de estudiar ambos enfoques, fue posible verificar que la IA se puede entender a través de los supuestos epistemológicos de la EBP al considerar la gran diversidad de acciones involucradas con la IA, organizadas por estructuras y rodeadas de arreglos materiales. Las posibles prácticas identificadas se evidencian al considerar la búsqueda de conocimiento externo, las relaciones interactivas entre los agentes involucrados, la comercialización de invenciones que abarcan la generación y adquisición de ideas, la selección y las prácticas de decisión sobre las mejores ideas y los socios en los acuerdos. Más adelante, involucra prácticas de planificación, nuevas técnicas, nuevos productos y nuevos servicios.

Palabras clave: Innovación Abierta; Estudios Basados en la Práctica (EBP); Gestión de la innovación.

1 INTRODUÇÃO

A noção de inovação aberta (IA) vem ganhando espaço na literatura sobre inovação por considerar a necessidade de a estrutura organizacional se abrir ao ambiente externo, a fim de otimizar a inovação, necessidade não observada por teorias anteriores sobre o tema (SILVA; BAGNO; SALERNO, 2013). Segundo Vanhaverbeke (2017) apenas o conhecimento adquirido por meio de P&D não contempla todo o potencial inovador que uma empresa pode atingir. Nesse sentido, a ideia de inovação de fora para dentro permite que as empresas obtenham mais possibilidades de adotarem práticas de sucesso e fomento ao processo inovador.

Desse modo, a IA consiste na utilização de conhecimento externo para agregar valor ao negócio, tendo em vista que grande parte das ações estratégicas a serem incorporadas pelas empresas advém de lugares fora dos limites organizacionais (SILVA; DACORSO, 2013). A partir dessa noção, seria possível gerar transbordamentos de conhecimento das inovações realizadas nas empresas e um aumento no montante de conhecimentos que circulam nas redes (OCDE, 1997; TURCHI; MORAIS, 2017).

A evolução do pensamento em inovação sugere que a abertura aos parceiros ou a temática inovação aberta tem íntima relação com as demandas deste século, incorporando toda sorte de intermediações tecnológicas, contratuais, estrutura de parcerias em rede, organizações virtuais e demais aspectos vinculados às atuais demandas das organizações (TURCHI; MORAIS, 2017; VANHAVERBEKE, 2017).

Assim, uma nova avenida de discussão se projeta para aqueles que se interessam por entender esse complexo fenômeno organizacional conhecido por inovação aberta, desde suas condições de possibilidade, passando pela gestão de tais processos e entendendo mais de perto os resultados (CHESBROUGH, 2003; SILVA; DACORSO, 2013; VANHAVERBEKE, 2017).

Diante da necessidade de compreender “mais de perto” as complexidades da IA, acredita-se ser urgente entendê-la como um fenômeno socialmente constituído, realizado por meio de práticas sociais. Desse modo, compreender o fenômeno através das práticas é crucial para reconhecer os entendimentos compartilhados que orientam as ações e as materialidades envolvidas (SCHATZKI, 2006; NICOLINI, 2013; BISPO, 2013), para além dos parâmetros gerenciais de análise, que dão ênfase somente às questões racionais e técnicas. Neste sentido, são muitas as teorias que se prestam a entender as práticas sociais, como a teoria ator-rede, comunidades de prática, teoria da atividade cultural e histórica, cultural interpretativa, *workplace studies* e outras (BISPO, 2013). Nesse artigo, contudo, a ênfase é dada aos pressupostos epistemológicos que guiam essas teorias, no

sentido de propor uma forma específica de compreender e estudar o fenômeno da inovação aberta como prática social.

Por conseguinte, o objetivo deste estudo é investigar como os Estudos Baseados em Práticas (EBP) contribuem para a compreensão da Inovação Aberta (IA), de modo a expandir o entendimento desta contemporânea temática. Logo, a questão que orienta este ensaio teórico é como a abordagem dos Estudos Baseados em Práticas (EBP) contribuem para a compreensão da Inovação Aberta (IA)?

Espera-se que os resultados desta pesquisa, auxiliem na compreensão tanto técnica quanto sociológica-cultural neste fenômeno que, como mostram os trabalhos de Ebrahim e Bong (2017) e Lima e Leocárdio (2018), vem ganhando relevo e constituindo uma agenda fértil no campo das organizações. Este esforço justifica o trabalho, na medida em que este ensaio teórico se inclina à possibilidade de contribuir com aportes teóricos e metodológicos para o entendimento acerca de como a IA é praticada.

A estrutura deste trabalho, para além desta introdução, envolve uma abordagem acerca dos Estudos Baseados em Prática (EBP) na seção dois (2), bem como há uma discussão sobre IA na seção três (3), e em seguida está apresentada na seção quatro (4), a relação entre os EBP e o entendimento da IA. Por fim, na seção cinco (5) estão dispostas as considerações finais deste estudo.

2 ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA (EBP): CONCEITOS, DEFINIÇÕES E ELEMENTOS QUE AS CONSTITUEM

Os estudos baseados em prática (EBP) não são novos nas ciências humanas e sociais, entretanto, nos últimos anos a temática vem ganhando espaço nos estudos organizacionais, também na administração, e a produção científica vem aumentando consideravelmente (BISPO, 2013; BISPO; SOARES; CAVALCANTE, 2014; SILVEIRA, 2015; PIMENTEL; NOGUEIRA, 2018).

De acordo com Bispo (2013) os EBP consideram que o cotidiano da vida organizacional acontece por meio das atividades de trabalho, aprendizagem, inovação, comunicação, negociação, conflitos sobre objetivos, a interpretação desses mesmos objetivos, além da história, o que equivale a dizer que estão presentes na prática. Segundo Nicolini (2013) as abordagens da prática são fundamentalmente processuais e tendem a ver o mundo como uma contínua realização rotinizada e recorrente.

Dougherty (2017) trata as práticas como princípios essenciais das organizações. De modo que o conhecimento é baseado nas práticas nas relações de atividades de trabalho. De acordo com esse autor, as práticas também são elementos que proporcionam inovação às organizações, ou a inovação se desenrola por meio de um conjunto plural de práticas.

Para Schatzki, Cetina e Savigny (2001) a prática consiste em ações, regras, estruturas, arranjos materiais, inteligibilidades e está relacionada também a questões de poder. Desse modo, os autores compreendem que os poderes são exercidos de acordo com as necessidades dos agentes que realizam as práticas.

Nesse ínterim, o poder é abordado por Kich *et al.* (2012) como o ato de agir, fazer e ser. De modo que, as relações de poder são tratadas conforme as práticas de dominação/liberação entre os atores envolvidos.

Ademais, mostra-se pertinente trazer alguns conceitos e discussões acerca das abordagens da prática, discutidos por estudiosos dessa área. Bispo (2013) cita algumas das contribuições dos teóricos Bourdieu (1997), Giddens (1984) e Garfinkel (2006). Respectivamente, os autores citados por Bispo (2013) afirmam que a teoria

da prática está na relação entre as práticas dos atores e as estruturas objetivas, mediadas pelo conceito de *habitus*. Por conseguinte, as práticas são entendidas como procedimentos, métodos ou técnicas que são executadas de forma hábil pelos agentes sociais, o que sugere uma certa relação com as preocupações dos estudiosos da etnometodologia. Por último, as práticas são realizações contingentes em que todo o ambiente deve ser entendido como auto-organizador no que diz respeito ao seu reconhecimento e ordem social.

No que se refere à teoria social, a perspectiva da prática parte de uma ontologia social diferenciada, que se caracteriza por privilegiar a prática como constituinte da realidade social. Para Schatzki (2003), esta ontologia pode ser denominada *Site Ontology*, a partir da qual se entende que diversas práticas consideradas conjuntamente formam ordens sociais ampliadas (SILVEIRA, 2015).

Para Nicolini (2013) a adoção da temática acerca de práticas corrobora para uma mudança radical das formas tradicionais de compreender os fenômenos sociais e organizacionais. De acordo com esse autor, quando adequadamente utilizada, esta abordagem produz uma nova sensibilidade que eventualmente pode oferecer uma nova visão dos fenômenos organizacionais (BISPO; SOARES; CAVALCANTE, 2014).

Para Schatzki (2006) os principais componentes da prática são as ações, as estruturas (que conferem a organização das ações) e os arranjos materiais. A respeito da estrutura das práticas, Schatzki (2006) evidencia quatro princípios que as compõem, a saber, a) entendimentos das (complexos de *know-how* sobre) ações, b) regras, pelas quais diretivas e explícitas admoestações ou instruções orientam os praticantes, c) estrutura teleológico-afetiva que engloba uma gama de fins, projetos, ações, talvez emoções, e combinações de projeto-ação (ordenações teleológicas) que são aceitáveis para os participantes ou solicitados a prosseguir e realizar e d) compreensão geral como, por exemplo, entendimentos gerais sobre a natureza do trabalho, sobre interações professor-aluno, ou sobre a comunalidade do destino.

A partir dessas compreensões sobre o que constitui a prática, é importante destacar que os EBP tomam como unidade de análise a prática e não os praticantes (BISPO, 2015), de modo a compreender os fenômenos como malhas de prática (SCHATZKI, 2003). Entretanto, a fim de acessar as práticas, os praticantes podem ser investigados, bem como suas histórias e entendimentos compartilhados, afinal, são eles que (re)produzem a prática no cotidiano. Uma importante contribuição dos EBP para os estudos organizacionais enfatiza enxergar as organizações pela perspectiva da prática. Estas deixam de ser estruturas fixas, homogêneas e estáveis e passam a ser entendidas como entidades complexas, heterogêneas e difusas em um fluxo assíduo de transformações (SCHATZKI, 2006; CZARNIAWSKA, 2008, 2013; DUARTE; ALCADIPANI, 2016).

Nesse contexto das organizações enquanto práticas, destaca-se o tempo real, que não é definido por uma lógica linear de acontecimentos, caracterizando a organização como um conjunto de eventos que acontecem de modo simultâneo, por vezes não ordenado; a memória prática, entendida como persistência da estrutura da prática, ou dos entendimentos adquiridos no passado, que garantem a disponibilidade contínua de performances inteligíveis; e a ordem material, ou seja, a estrutura que suporta o que está acontecendo na organização e sua memória (SCHATZKI, 2006).

Destarte, Nicolini (2013) entende que as teorias da prática possibilitam uma nova visão em todo o campo organizacional e social, de modo que, tal visão agiria como um remédio para uma série de problemas deixados sem soluções por tradições organizacionais anteriores. Para ele, as principais contribuições das teorias das práticas são: i) Colocar em primeiro plano a importância da atividade, performance e trabalho na criação e perpetuação dos fenômenos sociais, além de ver o mundo de forma processual, como rotina em curso; ii) Trazer

à tona o papel do corpo e da materialidade; iii) Resgatar os entendimentos dos praticantes enquanto agentes; iv) Compreender o conhecimento como prático; e v) Apontar a importância do poder e do conflito como elementos constitutivos da prática.

Pesquisas recentes têm utilizado os EBP para compreender os fenômenos organizacionais, apontando a importância de considerar os elementos simbólicos, contextuais, históricos e relacionais que constituem as organizações, além de evidenciar a riqueza metodológica que esta abordagem possui. O estudo de Moura e Bispo (2021), por exemplo, investigou a prática de gestão escolar, evidenciando uma gestão “para além do processo prescritivo e racional” (p. 156). Estes autores também realizaram importante discussão sobre possibilidades metodológicas para os estudos da prática, convidando pesquisadores e gestores a considerarem não apenas a agência humana, mas também a não humana que impacta nas práticas organizacionais (MOURA; BISPO, 2020). A pesquisa de Machado, Silva e Fernandes (2020) identificou práticas cotidianas conectadas a mecanismos de gestão ordinária que indicam verdadeiras redes de relações de força. Por sua vez, o estudo de Oliveira e Santos (2020) analisou como as práticas de organização são influenciadas pela raça no cotidiano de trabalho de negros empreendedores, dentre outros. Já o estudo de Santos *et al.* (2019), por sua vez, investigou os saberes-fazer que constituem práticas organizativas das culturas populares num contexto periférico.

Analisando, então, a relevância dos EBP para a compreensão dos fenômenos sociais, busca-se aqui investigar a relação existente entre o entendimento da inovação aberta e os Estudos Baseados em Prática. Para auxiliar o proposto, a próxima seção discutirá os aspectos conceituais, bem como definições e tipologias sobre inovação aberta.

3 INOVAÇÃO ABERTA: CONCEITOS, DEFINIÇÕES E TIPOLOGIAS

A realidade atual vivenciada pelas organizações, além de demonstrar a inevitabilidade de inovar, também aponta a necessidade de identificar como as empresas aprimoram seus processos inovadores (VIEIRA; VALE; MAY, 2018; PEREIRA *et al.*, 2021). Nesse sentido, a inovação se configura como um processo contínuo e coletivo que inclui diferentes etapas e aspectos financeiros, culturais e organizacionais (REICHERT; CAMBOIM; ZAWISLAK, 2015; GODIN, 2017).

Pesquisas como as de Mendes, Oliveira e Pinheiro (2013) e Pereira e outros (2021) indicam que as mudanças ocorridas no cenário global refletem a necessidade das organizações se destacarem frente à concorrência e se manterem cada vez mais relevantes no mercado. Estas organizações estão percebendo a crescente necessidade de inovar em seus processos. Devido a isso, vários modelos de inovação começaram a surgir (TRENTINI *et al.*, 2012), a exemplo do modelo de inovação linear e fechado, que compreende os processos de inovação por uma perspectiva sequencial e linear, com foco em estratégias para a criação de novos produtos e processo (P&D); o modelo interativo e fechado, que abarca os processos de aprendizagens idealizados pela gestão a partir do entendimento de que a inovação pode acontecer em qualquer fase do processo, e; o modelo interativo de inovação aberta, que passa a considerar os processos de inovação a partir do compartilhamento de conhecimentos com parceiros externos (TRENTINI *et al.*, 2012; COHENDET; SIMON, 2017). Este último traz uma concepção contemporânea que parte da compreensão de que a inovação é um fenômeno social (DOUGHERTY, 2017; PIMENTEL, 2019), capaz transformar recursos internos e externos à organização para se adaptar ao cenário competitivo e gerar mudanças nos processos de inovação pelas relações

que se estabelecem por meio do compartilhamento de conhecimentos com parceiros externos (COHENDET; SIMON, 2017; PIMENTEL, 2019).

Segundo Cohendet e Simon (2017) um modelo de inovação é uma estrutura conceitual desenvolvida para entender a dinâmica de traduzir uma ideia de um bem ou de um serviço que cria valor. Destarte, considerando que a inovação se encontra numa constante evolução, chega-se, portanto, a uma inovação específica e emergente que vem ganhando força no mundo corporativo, a chamada inovação aberta (CHESBROUGH, 2003). De acordo com West e outros (2014) em sua primeira década, a inovação aberta apresentou significativo impacto na pesquisa e na prática, influenciando nos estudos sobre estratégias e gestão da inovação nas organizações. Notadamente, se reconhece que a busca das empresas por avanços tecnológicos têm contribuído para o uso de ideias internas e externas à organização para acelerar o fluxo de entrada e saída de conhecimentos, gerar inovação interna e expandir os mercados externos (SPRAKEL; MACHADO, 2021). Todavia, há que se considerar que a abertura ao acesso à diversidade de conhecimentos cria oportunidades para se explorar fontes heterogêneas de parceiros externos, mas podem ocasionar também uma maior dificuldade para combinar conhecimentos em cima de situações pontuais, assim como, empecilhos para aumentar os custos, pela necessidade de um maior gerenciamento das transações (SPRAKEL; MACHADO, 2021).

De acordo com Vanhaverbeke, Cloudt e Van de Vrande (2009) a inovação aberta é entendida como um produto resultante do crescente fomento ao aprimoramento do conhecimento, responsável pela emergência das firmas e de intermediários incumbidos de realizar atividades específicas no processo de inovação tecnológica. Pereira e outros (2021) coadunam com esta colocação ao discutirem que a inovação aberta é a prática de ir além das fronteiras da empresa, não apenas garantindo o seu futuro, em termos de pensamento estratégico com ideias próprias, mas também com ideias que resultam de fontes externas.

Insta salientar que, a inovação aberta foi classificada em três tipos principais: de fora para dentro (*inbound*), em que busca contribuição externa ao adotar ideias e inovações de outras organizações; de dentro para fora (*outbound*), que envolve a permissão de que ideias e recursos não utilizados e subutilizados saiam da organização para que outros atores usem em seus negócios e modelos de negócios; e a inovação aberta acoplada, que envolve a interação dos dois tipos citados anteriormente (AICHOUCHE; BOUSALEM, 2016). O conhecimento externo é adquirido para fortalecer a pesquisa interna e desenvolvimento (P&D), as competências relacionadas e para acelerar o processo de inovação dentro da empresa (VANHAVERBEKE, 2017).

O termo “*Open Innovation*” foi criado por Henry Chesbrough, professor norte-americano, Ph.D. em administração de empresas pela Universidade da Califórnia em Berkeley. No ano de 2003, lançou seu primeiro livro sobre essa temática, intitulado “*Open innovation: The New Imperative for Creating and Profiting from Technology*”, traduzido para a língua portuguesa: “Inovação Aberta: o novo imperativo para criar e lucrar com a tecnologia”.

A inovação aberta consiste em uma temática emergente referente a uma nova abordagem sobre inovação, principalmente no que tange o antigo modelo de inovação fechada (SILVA; DACORSO, 2013). Nesse contexto, Chesbrough (2003) pontua que a inovação aberta significa que ideias valiosas podem surgir a partir do interior e/ou exterior da companhia, bem como podem ir para o mercado. Lopes, Ferrarese e Carvalho (2017) destacam que o termo “inovação aberta” se opõe ao conceito de inovação fechada, na qual o processo de inovação, desde a concepção da ideia, passando pelo desenvolvimento até a comercialização ocorre internamente na organização.

Evidencia-se tomando por base Chesbrough (2012), Silva e Dacorso (2013) e Vanhaverbeke (2017), que a maneira de inovar vem sofrendo mudanças significativas graças às transformações ocorridas na sociedade, de modo que, tais mudanças implicaram na busca e utilização da inovação aberta. Esta, por sua vez, tem proporcionado discussões tanto no contexto social quanto empresarial, nos últimos anos, estimulando uma mudança na forma de pensar a inovação e os problemas globais.

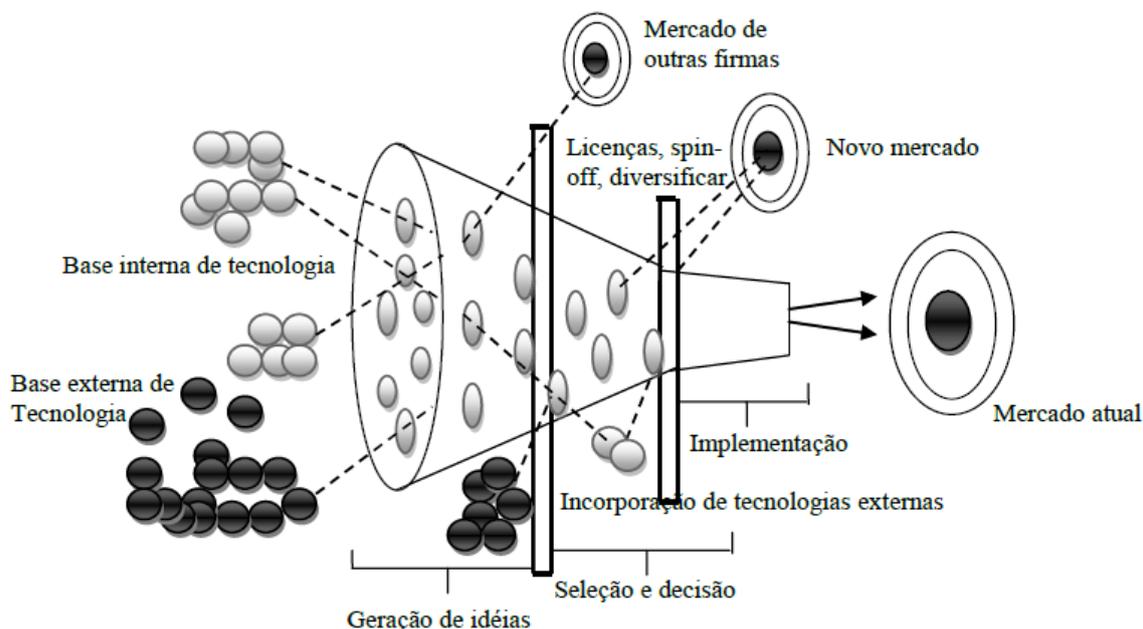
Buganza e Verganti (2009) explicam o conceito de inovação aberta relacionando-a ao uso de competências essenciais, de modo a promover uma inter-relação entre competências externas e internas. Lopes, Ferrarese e Carvalho (2017) discutem que um fator que motiva as empresas a utilizarem o modelo de inovação aberta consiste na crença de que o uso de tecnologia externa é a chave para o crescimento rentável, porque aumenta as margens financeiras dos produtos.

De acordo com Bogers (2011) a literatura recente reconhece a existência de diferentes graus de variação da abertura no processo de inovação aberta, de acordo com o interesse em cruzar os limites da organização para pesquisar e divulgar inovação. A abertura do modelo de inovação aberta varia de acordo à intensidade que ocorre a relação colaborativa entre diferentes atores, em uma forma de relacionamentos de redes, examina-se o nível de interação entre diferentes atores, objetivando compreender como se estabelece a troca de conhecimento entre as empresas participantes (ROCHA; SANTOS; VIEIRA, 2017; COSTA et al., 2020). A esse respeito, Sprakel e Machado (2021) esclarecem que a inovação aberta pode se diferenciar quanto a amplitude e profundidade, haja vista que na forma de amplitude a inovação pode ser visualizada pelos números de relacionamentos com atores heterogêneos e canais externos que as empresas se utilizam para dar continuidade às atividades de inovação. Por outro lado, na forma de profundidade, a atenção está voltada à intensidade da colaboração entre os atores envolvidos. Logo, a intensidade da colaboração irá depender das necessidades de cada ator envolvido para que se possa manter um contato sólido e constante com as fontes de conhecimentos. Esse aprofundamento na abertura de relacionamentos pode conduzir a uma maior confiança entre os atores externos de forma a reduzir eventuais riscos de condutas oportunistas (SPRAKEL; MACHADO, 2021).

Nesta perspectiva, Bartz e outros (2020) informam que a inovação aberta acontece como resultado da colaboração e compartilhamento de distintos conhecimentos de vários atores que se unem para criar uma proposta de valor com base em oportunidades internas e externas às organizações e deliberar fluxos de conhecimentos, promover o avanço da inovação e disseminar os mercados externos por meio do uso da inovação. Sprakel e Machado (2021) ponderam também que os fluxos de conhecimentos dão condições de atualizar e complementar os conhecimentos internos à organização, permitindo acesso ao conhecimento tácito dos indivíduos.

A partir das compreensões sobre a inovação aberta, Silva e Dacorso (2013) reforçam a necessidade de se repensar o modelo fechado de inovação, principalmente no que se refere aos crescentes custos com desenvolvimento de tecnologia e a diminuição no ciclo de vida dos produtos. Uma vez que, estes modificaram a forma de fazer negócio e propuseram um novo formato de competição. De acordo com Silva e Dacorso (2013) através de uma relação entre a empresa e o mercado na qual o conhecimento é dispersado, têm-se a inovação aberta de saída, e/ou absorvida e a inovação aberta de entrada, de forma a melhor aproveitar as oportunidades de negócio, como demonstrado na Figura um (1).

Figura 1 – Modelo de Inovação Aberta



Fonte: Silva e Dacorso (2013).

A figura acima elucida o fenômeno da inovação aberta por meio de um funil de ideias. Diferentemente do modelo de funil da inovação fechada, o modelo de funil da inovação aberta mostra-se poroso sugerindo que oportunidades externas interajam com o ambiente interno de uma organização, buscando conciliar tecnologias e recursos.

De acordo com Silva e Dacorso (2013) o modelo de inovação aberta permite várias possibilidades sobre redução de custos, acessos aos diversos tipos de tecnologias e conhecimento. Nota-se, ainda, que a inovação aberta auxilia na competitividade e desenvolvimento das organizações.

Para reforçar ainda mais a compreensão sobre construtos acerca de inovação aberta, segue o quadro um (1), abaixo, com as principais considerações sintetizadas sobre a referida temática.

Quadro 1 – Considerações sobre Inovação Aberta

Autor	Considerações sobre Inovação Aberta
Vanhaverbeke, Cloodt e Van de Vrande (2009)	Surge como um produto resultante do crescente fomento à apropriação do conhecimento.
Buganza e Verganti (2009)	Relaciona-se com o uso de competências essenciais, de modo a promover uma inter-relação entre competências externas e internas.
Silva e Dacorso (2013)	Consiste na utilização do conhecimento externo para agregar valor ao negócio.
Silva e Silva (2015)	É uma rede de aprendizagem, na qual a força se estabelece por meio das relações entre os seus integrantes
Ebrahim e Bong (2017)	Resulta do reconhecimento das empresas ao fato de que nem todas as boas ideias virão dentro da organização. Logo, a comercialização de suas próprias ideias e de ideias e inovações vindas externamente são características dessa abordagem de inovação.
Lima e Leocárdio (2018)	É vista como uma vantagem econômica, uma vez que, corrobora para criação de estratégias empresariais e, conseqüentemente, para o desenvolvimento econômico.

Rocha, Santos e Vieira (2017)	Varia de acordo com a intensidade que ocorre a relação colaborativa entre diferentes atores, em uma forma de relacionamentos de redes, examina-se o nível de interação entre diferentes atores, objetivando compreender como se estabelece a troca de conhecimento entre as empresas participantes.
Sotello <i>et al.</i> (2018)	Pode ser considerada um modelo emergente para instituições que desejam desenvolver projetos conjuntos, compartilhar recursos e mitigar riscos.
Haubert <i>et al.</i> (2019)	Surge como um novo conceito para a gestão da inovação, referente à aquisição de conhecimento externo associado ao compartilhamento do conhecimento interno da organização objetivando a aceleração da inovação.
Tomoyose <i>et al.</i> (2019)	Consiste em uma quebra de paradigma sobre estratégias horizontais de inovação.

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Como reforçam Vanhaverbeke (2008), Bartz e outros (2020) e Sprakel e Machado (2021) a inovação aberta corrobora para que as empresas, numa relação de interação, desenvolvam ou adquiram tecnologias, comercializem produtos e mantenham-se relevantes no mercado. Sendo assim, para compreender como se estabelece o processo de inovação aberta, torna-se necessário identificar e analisar as nuances das práticas presentes nesse processo.

4 A RELAÇÃO ENTRE ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA (EBP) E O ENTENDIMENTO DA INOVAÇÃO ABERTA

Importante destacar que a proposta de investigar como os Estudos Baseados em Prática (EBP) contribuem para uma melhor compreensão da Inovação Aberta (IA) exige, antes de tudo, um deslocamento epistemológico. Isso porque a literatura sobre inovação aberta, como visto na seção anterior, surge da necessidade de aumento de competitividade por meio da inovação. Nessa discussão, busca-se lançar um olhar mais amplo ao fenômeno da inovação aberta, que permita desconstruir seus pressupostos, alicerçados na literatura pela lógica funcionalista, de modo a compreender a diversidade de formas de efetivamente praticá-lo.

Para compreender como a inovação aberta se dá a partir das práticas, torna-se necessário compreender as relações, bem como, as interações que se estabelecem durante o processo de inovação. Conforme aponta Bispo (2013), as práticas corroboram para a formação de tradições que enfatizam principalmente, as coletividades e suas ações, incluindo então, as interações com os objetos que são o foco dessas ações, além da linguagem utilizada em cada uma delas.

Considerando que as pesquisas sobre inovação aberta são preponderantemente vistas de forma positiva, focando nos benefícios (CHESBROUGH, 2003; VANHAVERBEKE, 2008; VANHAVERBEKE; CLOODT; VAN DE VRANDE, 2009; BUGANZA; VERGANTI, 2009; SILVA; DACORSO, 2013; EBRAHIM; BONG, 2017; LIMA; LEOCÁRDIO, 2018; ROCHA; SANTOS; VIEIRA, 2017; BARTZ, 2020; SPRAKEL; MACHADO, 2021), salienta-se a importância de analisar as práticas associadas a esse tipo de inovação, uma vez que existe certa dificuldade para se entender como se estabelecem os processos no cotidiano organizacional. Destarte, analisando as práticas ocorridas nessa ação, pretende-se entender o porquê desta abordagem ser vista sob esta ótica, que é categoricamente positiva.

Entende-se que a inovação aberta possibilita diferentes tipos de relações entre pessoas e distintas materialidades, e que essas relações nem sempre são devidamente exploradas pela literatura que trata do assunto.

Logo, estudá-la a partir dos EBP pode contribuir nesse sentido, uma vez que Schatzki, Cetina e Savigny (2001) e Schatzki (2006) destacam o papel dos praticantes e dos arranjos materiais para a (re)produção da prática.

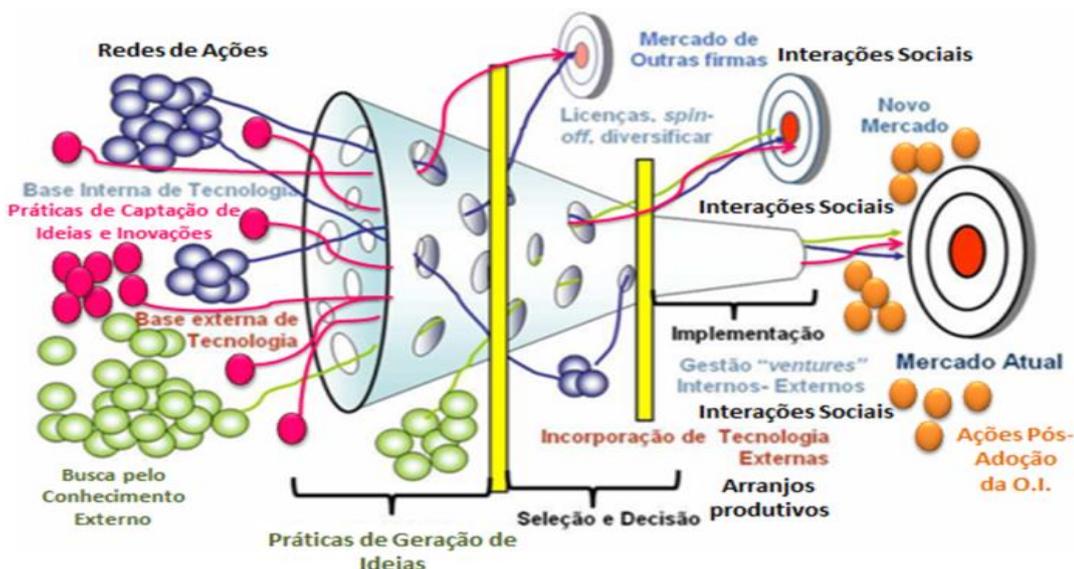
Levando em consideração que a inovação aberta consiste na utilização de fluxos de entrada e saída de conhecimento para acelerar a inovação interna e expandir os mercados de uso externo da inovação, enfatizando assim processos colaborativos que culminam na compra e na incorporação de tecnologias criadas por terceiros (CHESBROUGH, 2003), busca-se aqui entender como acontecem esses fluxos e processos, perpassados por relações e interações diversas no cotidiano organizacional.

Entende-se que captar ideias e inovações vindas de fontes externas à organização (CHESBROUGH, 2003) é o que caracteriza a inovação aberta, que envolve diferentes conjuntos de ações, estruturas e arranjos materiais, tendo como fundo as relações de poder, como exposto anteriormente. Assim, entende-se que as ações ligadas à captação de ideias e inovações fora da organização envolvem compreensões coletivas (ou saberes-fazer) sobre essas ações, estruturas teleoafetivas (caracterizadas pelos interesses, projetos, fins, afetos, entre outros elementos), regras ditas e não ditas, compreensões gerais sobre o que é inovar para aquela organização específica, num determinado contexto social, econômico, cultural e histórico, bem como arranjos materiais como layouts, espaços físicos, meios de comunicação etc. (SCHATZKI, 2003, 2006).

Além disso, a partir da abordagem da prática é importante considerar as memórias práticas compartilhadas pelos praticantes e o tempo não objetivo, que faz com que algumas ações se repitam e não sigam propriamente uma lógica de eventos lineares (SCHATZKI, 2006), compondo um solo ou base que se constitui na história de cada organização.

Outro elemento importante para a compreensão da inovação aberta são as parcerias organizacionais. A partir de uma leitura prática dessas parcerias, pode-se compreendê-las como uma rede de práticas, uma cadeia de ações com semelhanças de projetos e fins, ou seja, com estrutura teleológica comum (SCHATZKI, 2003). Essas reflexões nos levam ao redesenho do processo de inovação aberta, considerando um olhar prático sobre o fenômeno, como pode ser observado na figura dois (2).

Figura 2 – Modelo de Inovação Aberta



Fonte: Adaptado pelos autores (2019).

De acordo com a figura acima, algumas das práticas que possivelmente podem ser identificadas no processo de inovação aberta, considerando tudo o que foi explicitado durante esse trabalho, são a) a busca pelo conhecimento externo, integrando-o ao conhecimento interno presente no contexto organizacional (CHESBROUGH, 2012), o que pode envolver ações como contatos com outras organizações, reuniões externas, reuniões internas etc.; b) as relações de interação entre os agentes envolvidos (clientes, empresas, fornecedores etc.) que comumente resultam em parcerias organizacionais (SCHATZKI; CETINA; SAVIGNY, 2001); c) a comercialização de invenções, que pode envolver ações como geração e/ou aquisição de ideias, desenvolvimento e transformação dessas ideias em produtos e/ou serviços e posteriores vendas; d) práticas de seleção e decisão acerca das melhores ideias e dos parceiros mais adequados para os arranjos produtivos; e e) práticas ocorridas em seguida que pode envolver outras práticas como planejamento, de novas organizações, novas técnicas, novos produtos, novos serviços etc.).

Cada uma dessas possíveis práticas reúne diferentes ações organizadas em torno de compreensões (de ação e gerais), de projetos, fins, afetividades, regras comuns, que envolvem arranjos materiais específicos para a sua realização, e que são constringidas por diversas relações de poder. Compreender esses elementos é crucial para entender como a inovação aberta acontece no cotidiano de organizações contextualmente e historicamente situadas. Desse modo acredita-se ir além de uma análise puramente gerencialista, uma vez que a preocupação principal não é tornar processos mais eficientes, mas compreender como se organizam as práticas ligadas à inovação aberta a partir dos elementos simbólicos, históricos, contextuais e relacionais (e também materiais) que as constituem - elementos pouco considerados em grande parte dos estudos gerencialistas, orientados por um paradigma científico particular, que se baseia numa racionalidade cognitivo-instrumental (SANTOS, 2000), na busca por simplificar realidades complexas e multifacetadas que não seguem modelos causalistas. .

Importante destacar o papel dessas relações de poder subjacentes à estrutura que organiza as ações dentro de uma prática, pois ela é um dos principais motivos que leva as práticas a não serem realizadas da mesma forma por organizações semelhantes. Os arranjos materiais envolvidos também restringem as ações ligadas à inovação aberta, principalmente ao considerarmos que os recursos não são os mesmos para todas as organizações.

É importante perceber que além da contribuição ao entendimento da inovação aberta, os EBP figuram como oportunidade de pesquisa, ou agenda de pesquisas, para aqueles que desejam compreender como as empresas se apropriam da inovação aberta, pois como Saebi e Foss (2015) argumentam essa é uma inquietação presente na literatura, qual seja, a inovação aberta é entendida como um processo portador de benefícios, mas a apropriação de tais benefícios pelas organizações ainda não conta com entendimento corrente.

A abertura pelas práticas promove o melhor entendimento do arranjo colaborativo para desenvolvimento de inovação, questionando o próprio sentido de colaboração e de inovação que orienta a construção desses arranjos. Desse modo, acredita-se que a inovação aberta não precisa assumir o compromisso com a prescrição de melhores práticas, mas sim compreender a construção sócio-histórico das práticas envolvidas nos processos inovativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teórico pretendeu investigar como os Estudos Baseados em Prática (EBP) contribuem para a compreensão da Inovação Aberta (IA). Apesar da inovação aberta ser uma temática bastante utilizada por diversas organizações, não há formação específica para executá-la, pois ninguém é formado com um conjunto de técnicas e ferramentas que contemplem todo o processo. Cada aglomerado de empresas que colaboram, gera características diferentes. Não é possível entender inovação aberta como um *rol* de atividades pré-determinadas que irão garantir vantagens à organização que adotá-la.

Desse modo, o presente estudo propôs a compreensão da inovação aberta por meio da perspectiva dos EBP, a fim de dar subsídios para que estudos empíricos posteriores sejam capazes de analisar as diversas formas possíveis de praticar a inovação aberta. Como principal resultado, destaca-se que compreender a inovação aberta, a partir das teorias da prática é entender as ações ligadas à captação de ideias e inovações fora da organização, estruturadas por compreensões coletivas (ou saberes-fazer) sobre essas ações, estruturas teleoafetivas (caracterizadas pelos interesses, projetos, fins, afetos, entre outros elementos), regras ditas e não ditas, compreensões gerais sobre o que é inovar para aquela organização específica, num determinado contexto social, econômico, cultural e histórico, além de compreender os arranjos materiais (SCHATZKI, 2003; 2006) e as relações de poder inerentes às práticas (NICOLINI, 2013).

Em suma, o avanço na compreensão da inovação aberta se mostra possível através de um olhar sobre as práticas, a fim de se considerar a grande diversidade de ações envolvidas no processo de adoção do modelo de inovação aberta, principalmente por empresas que não possuem recursos financeiros para investir em centros de P&D, sendo essa a principal sugestão para pesquisas futuras.

Artigo submetido para avaliação em 21/10/2019 e aceito para publicação em 17/06/2021

REFERÊNCIAS

AICHOUCHE, K.; BOUSALEM, R. Open Innovation: A New Mechanism for Adoption of Organizational Innovation from Algerian Companies. **International Journal of Innovation**, v. 4, n. 2, p. 11-22, 2016.

BARTZ, C. R. F.; TURCATO, J. C.; SAUSEN, J. O.; BAGGIO, D. K. Colaboração e open innovation: a importância da governança colaborativa para a constituição de um ecossistema de inovação aberta em um Arranjo Produtivo Local (APL). **Interações**, v. 21, n. 1, jan./mar., 2021.

BISPO, M. Estudos Baseados em Prática: Conceitos, História e Perspectivas. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 2, n.1, p. 13- 33, jan./abr., 2013.

BISPO, M.; SOARES, L. C.; CAVALCANTE, E. D. Panorama dos estudos sobre prática no Brasil: Uma análise da produção. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO (EnANPAD), 37., Rio de Janeiro, 2014. **Anais...** Rio de Janeiro, 2014.

BOGERS, M. O paradoxo da inovação aberta: compartilhamento de conhecimento e proteção nas colaborações de I&D. **European Journal of Innovation Management**, v. 14, n. 1, p. 93-117, 2011.

BUGANZA, T.; VERGANTI, R. Benefícios da cooperação entre compradores e fornecedores: Um estudo no setor de tecnologia de informação e comunicação. **European Journal of Innovation Management**, v. 12, n. 3, p. 306-325, 2009.

CHESBROUGH H. **Inovação aberta: Como criar e lucrar com a tecnologia**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2012.

CHESBROUGH, H. The Era of Open Innovation. **MITSloan Management Review**. Spring,, p. 35-41, 2003.

COHENDET, P.; SIMON, L. Concepts and Models of Innovation. In: BATHELT, H. et al. **The Elgar Companion to Innovation and Knowledge Creation**. Edward Elgar Publishing Online: 2017, cap. 3, p. 33-55.

COSTA, R. et al. Serviços Compartilhados do Setor Público e Metodologia Lean: Implicações nas Organizações Militares. **Journal of Open Innovation: Technology, Market, and Complexity**, v. 6, n. 3, p 1-13, 2020.

DOUGHERTY, D. Innovation in the Practice Perspective. **The Elgar Companion to Innovation and Knowledge Creation**. Cheltenham, Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, 2017.

DUARTE, M. F.; ALCADIPANI, R. Contribuições do organizar para os estudos organizacionais. **Organizações e Sociedade**, v. 23, n. 76, p. 57-72, jan./ mar.,2016.

EBRAHIM, N. A.; BONG, Y. B. Open Innovation: A Bibliometric Study. **International Journal of Innovation**, v. 5, n. 3, p. 411-420, 2017.

GODIN, B. A conceptual history of innovation. In: **The Elgar companion to innovation and knowledge creation**, Cheltenham, Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, 2017.

KICH, J. I. F. et al. Relações de poder no processo de planejamento estratégico. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 11, n. 2, p. 85-106, 2012.

LIMA, S. H. O.; LEOCÁRDIO, A. L.; Mapeando a produção científica internacional sobre inovação aberta. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 5, n. 2, p. 181-208, jan./abr., 2018.

LOPES, A. P. V. B. V.; FERRARESE, A.; CARVALHO, M. M. Inovação aberta no processo de pesquisa e desenvolvimento: uma análise da cooperação entre empresas automotivas e universidades. **Revista Gestão & Produção**, v. 24, n. 4, p. 653-666, 2017.

MACHADO, F. C. SILVA, A. R. L.; FERNANDES, T. A. The ordinary, cultures, and management: the organizing processes within the handicraft sector in Piúma (ES), Brazil. **Organizações e Sociedade**, v. 27, n. 95, p. 644-673, 2020.

MENDES, D. R. F.; OLIVEIRA, M. A. C.; PINHEIRO, A. A. Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação: avaliação do marco regulatório e seus impactos nos indicadores de inovação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, n. 1, p. 22-46, 2013.

MOURA, E.; BISPO, M. S. Sociomateriality: Theories, methodology, and practice. **Canadian Journal of Administrative Sciences**, v. 37, n. 3, p. 350-365, 2020.

MOURA, E; BISPO, M. S. Compreendendo a Prática da Gestão Escolar pela Perspectiva da Sociomaterialidade. **Organizações e Sociedade**, v. 28, n. 96, p. 130-155, 2021.

NICOLINI, D. **Practice Theory, Work & Organization: An introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

OLIVEIRA, J. S.; SANTOS, E. L. S. Práticas, Raça e Organizações Empreendedoras: Um Estudo com Negros Empreendedores na Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, n. 3, p. 1-12, 2020.

PEREIRA, L. et al. The New SWOT for a Sustainable World. **Journal of Open Innovation: Technology, Market and Complexity**, v. 7, n. 18, p. 1-32, 2021.

PIMENTEL, R. Cultura e Inovação em uma Escola de Negócios: um estudo inspirado pela teoria da prática. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 18, n. 1, p. 63-84, jan./mar. 2019.

REICHERT, F. M.; CAMBOIM, G. F.; ZAWISLAK, P. A. Capabilities and Innovation Trajectories of Brazilian Companies. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**. São Paulo, v. 15, n. 5, p.161-194, 2015.

ROCHA, A. F. R.; SANTOS, I. C.; VIEIRA, A. M. Semi-Open innovation: An approach to the innovation typology. **Revista oficial do programa de mestrado profissional em gestão de negócios do pro futuro (programa de estudos do futuro)**, v. 10, n. 1, p. 55-81, jan./abr. 2018.

SAEBI, T.; FOSS, J. N. Business models for Open innovation: Matching heterogeneous Open innovation strategies with business model dimensions. **European Management Journal**, v. 33, n. 3, 201-213, 2015.

SANTOS, B. S A crítica da razão indolente: **contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVEIRA, P. R. S. **Improviso na Prática da Produção do Desfile Carnavalesco de uma Escola de Samba**. 2015. 154f. (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

SANTOS, E. C. et al. Reflexões acerca dos Saberes e Práticas Organizativas das Culturas Populares em Caruaru-PE. In: **Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD)**, XLIII, 2-5 out., São Paulo (SP), 2019.

SCHATZKI, T. A new societist social ontology. **Philosophy of the social sciences**, v. 33, n. 2, p. 174-202, 2003.

SCHATZKI, T. On organizations as they happen. **Organization Studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

SCHATZKI, T. R.; CETINA, K.; SAVIGNY, E. (Ed.) **The Practice Turn in Contemporary Theory**. New York: Routledge, 2001.

SILVA, D. O.; BAGNO, R. B.; SALERNO, M. S. Modelos para a Gestão da Inovação: revisão e análise da literatura. **Production**, v. 24, n. 2, p. 477- 490, 2013.

SILVA, G.; DACORSO, A. L. R. Inovação aberta como uma vantagem competitiva para a micro e pequena empresa. **Revista de Administração e Inovação**, v. 10, n. 3, p. 251-269, 2013.

SPRAKEL, E.; MACHADO, A. Open Innovation Strategies and Appropriability in knowledge-Intensive Business Services: Evidences and Implications in the Brazilian Context. **Brazilian Business Review (BBR)**, v. 18, n. 1, jan./fev., 2021.

TRENTINI, A. M. M. et al. Inovação aberta e inovação distribuída, modelos diferentes de inovação? **Revista Estratégia & Negócios**, v. 5, n. 1, p. 88-109, jan./abr. 2012.

TURCHI, L. M. O.; MORAIS, J. M. D. O. **Políticas de Apoio à Inovação Tecnológica no Brasil: avanços recentes, limitações e propostas de ações**. Brasília: Ipea, 2017.

VANHAVERBEKE, W. The interorganizational context of Open innovation. In CHESBROUGH, H.;

VANHAVERBEKE, W.; WEST, J. **Open innovation: Researching a New Paradigm**. Oxford: Oxford University Press, 2008, cap. 10, p. 205-219.

VANHAVERBEKE, W. Broadening the concept of Open innovation. In: BATHELT, H. et al. **The Elgar Companion to Innovation and Knowledge Creation**. Edward Elgar Publishing Online: 2017. cap. 6, p. 87-98.

VANHAVERBEKE, W.; CLOODT, M.; VAN DE VRANDE, V. Connecting absorptive capacity and Open innovation. In: ISPIM, 20., 2009, Viena. **Proceedings...** Viena, 2009.

VIEIRA, F. C.; VALE, H. V.; MAY, M. R. Open innovation and business model: Embrapa forestry case study. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 19, n. 4, 2018.

WEST, J. et al. Open innovation: The Next Decade. **Research Policy**, v. 43, n. 5, p. 805-811, 2014.